



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

SOBRE(VIVÊNCIAS) E TERREITÓRIOS – SOCIOESPACIALIDADE, REPRODUÇÕES E RESSIGNIFICÂNCIAS NA ARQUITETURA DE TERREIRO BANTU

AISHA – A. L. DIÉNE¹

Resumo: Na perspectiva em compreender o histórico da formação sócio espacial dos terreiros de candomblé de Nação Bantu no Brasil afro-diaspórico, o artigo que se segue pretende dar início a um estudo analítico sobre as formações física e cosmológica desses *Terreitórios* no contexto brasileiro afro-diaspórico. Tendo como referência, a vinda de negros escravizados da região de Angola no continente africano durante o século XIII - trazendo consigo o *calundu*² - e as primeiras estruturas desses espaços. Perspectivando perceber também, possíveis similaridades ou divergências com o que conhecemos hoje como “Terreiros de candomblé de Angola”. Visando ainda, investigar as possíveis reproduções e ressignificações arquitetônicas desses *terreitórios* com as habitações tradicionais angolanas.

Palavras-chave: Arquitetura e Socio-espacialidade; Território de Candomblé; Nação Bantu;

Introdução

Embora não seja possível identificar o recorte histórico de quando houve a *mistura* das culturas e origens advindas com os negros escravizados, sabe-se que isso era fundamentado a partir de uma estratégia de minimizar rebeliões e motins pelos escravizadores, uma vez que os diferentes costumes e dialetos dificultavam essa interação. Apesar de isso ter sido superado, pelo fortalecimento dos laços entre eles, mesmo de culturas rivais em território africano. Desse modo, nessa forçada convivência multicultural, foi percebida algumas similaridades que fundamentaram essa união, como a crença num Deus/Energia criador/criadora, o reconhecimento da natureza como energias sagradas e o culto á ancestralidade (aos antepassados divinizados ou não³).

¹ Arquiteta e Urbanista, Mestre em Antropologia (PPGAS/UnB) e Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo (PPG-FAU/UnB). Pesquisadora do laboratório Matula: Sociabilidades, Diferenças e Desigualdades (CNPQICS/UnB) E-mail: aisha.diene@gmail.com.

² Os chamados *Calundus* – forma de culto tradicional angolana á ancestralidade - existiram predominantemente no Brasil colonial até meados do século XIX, antecedendo a construção institucional da religião afro-brasileira Candomblé e a sua territorialização no que hoje conhecemos como Terreiro de Candomblé. Essa prática ritualística foi difundida na primeira metade do século XVIII, pela região das Minas Gerais pela Angolana Luzia Pita – natural de Luanda, denunciada como feiticeira e habitante do município de Sabará/MG.

³ Pessoas da família que após sua morte, passam a ser lembrados ou *cultuados* como forma de manutenção do culto – tornam-se ancestrais.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Nesse sentido, muitas divindades e ancestralidades cultuadas na geografia africana somente em determinadas regiões, como é o exemplo dos povos Yoruba, - que cultuavam cada divindade em uma região diferente do Benin – Oxalá em *Ifé*, Xangô em *Oyó*, etc.-, em território brasileiro afro-diaspórico, essas divindades passaram a ser louvadas em um mesmo espaço físico, de modo que se agregasse e se representasse todas e possíveis divindades cultuadas naquele país.

Esses Terreiros de candomblé - no qual serão tratados e abordados como *Terreitórios de Candomblé* -, visavam a adaptação, a reconstrução e a manutenção epistemológica e cosmológica do que sobreviveu e se manteve à travessia do Atlântico com os negros escravizados e dentre tudo aquilo que lhes foram usurpados, a relação com os que aqui já habitavam fez-se necessária (CUNHA, 1992).

Desse modo, o Arquiteto e Professor Fábio Velame (2022) caracteriza as arquiteturas afro-brasileiras como sendo:

[...] todas construções edificadas pelos negros africanos e seus descendentes em território brasileiro frente ao processo diaspórico imposto pela escravidão como forma de sobrevivência social, cultural e política, *arquitetando* assim lugares de resistência, existência, preservação, resignificação e criação da cultura negra no Brasil. Manifestando em suas espacialidades ontologias, cosmovisões, valores, princípios e estéticas afro centradas e/ou referenciadas. (Velame, 2022)

Os primeiros registros dos Terreitórios de candomblé em meio urbano, são da cidade de Salvador, que apesar do Brasil até o séc. XIX ser predominantemente rural já existiam estruturados centros urbanos. O *Ilê Axé Iyá Nassô Oká* um dos mais antigos e conhecido como *Terreiro Casa Branca do Engenho Velho* – de Nação Ketu - foi o primeiro a ser catalogado e tombado enquanto Patrimônio Cultural da cidade de Salvador pela Prefeitura Municipal de Salvador (Decreto Municipal 6.634 de 04.08.82, publicado em 08/08/82; Lei Municipal número 3.591, de 16/12/85), em um primeiro momento, posteriormente reconhecido e tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN em 1986 (*Processo número 1.067-T-82, Inscrição número 93, Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, fls. 43, e Inscrição número 504, Livro Histórico,*



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

fls. 92. Data: 14. VIII. 1986). De modo que, esses espaços “existiam escondendo-se sob a forma de habitações comuns, profanas”, ostentando hoje fachadas particularizadas com identidade própria, assumindo o carácter da conquista política de sua inserção urbana e social (NASCIMENTO, 1989). Diante disso, a religião permitiu aos negros reconstruir e ressignificar os laços familiares, tornando – os, segundo Verger (2000): “membros de uma coletividade familiar, espiritual, para a qual são atavicamente preparados. Essa forma de organização social proporcionava-lhes uma segurança e uma estabilidade que nem sempre reencontraram em nossa civilização”, transmitindo o contexto familiar para a estrutura socioespacial e para a espacialidade interna desse território.

Diante disso, os territórios de *candomblé* se edificam e se caracterizam como uma grande residência, não somente para os *Orixá/Nkisses/Voduns*⁴mas também para seus adeptos. Essa configuração arquitetônica surge mais pela necessidade em acomodar e acolher do que por outras motivações – considerando o aspecto econômico da comunidade como principal fator para as construções e reformas -, que a perspectiva de ser não somente uma grande família, que acolhe, cuida e agrega, mas também um espaço que possui a função de manter a memória das tradições africanas ou das já aqui modificadas, como as afro-brasileiras, criadoras de um sistema adaptativo (Da Motta Lody, 1987). De modo que, a maneira pela qual esses grupos étnicos se agregaram e se identificaram, perpassou principalmente pelo reconhecimento de suas línguas, permanecendo até os dias atuais como critério de identificação das nações de *candomblé*, tendo essa lógica perceptível por exemplo, através dos termos e nomes religiosos dados á roupas, deuses, aos alimentos, à lógica ritualística e demais características identitárias do grupo. Dessa maneira, a espacialidade *intra-muros*⁵ ou “Da porteira pra dentro” se dá através de diversos espaços e ambientes necessários para o funcionamento e acolhimento daqueles que buscam por cuidados.

⁴ Denominação usada para as divindades nas cosmogonias Yorubá, Bantu e Gêge, respectivamente, nos *candomblés* afro-brasileiros.

⁵ DIÊNE, Aisha-Angèle Leandro. Arquitetura de terreiro: compreendendo socioespacialidades na comunidade quilombola Manzo Ngunzo Kaiango. Dissertação de Mestrado (UnB). 2021.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Isso posto, os territórios afroreligiosos no contexto brasileiro são diversos: Umbanda, Terecô, Omolô, Batuque, Xangô do Recife, entre outros manifestando também em sua configuração espacial, diversos modelos: arquitetônicos, tipológicos, espaciais e iconográficos porém, para esse estudo, será considerado e tido como referência de estruturação sócio espacial os *Terreitórios* de candomblé de nação Bantu, tomando como exemplo alguns terreitórios de angola, tidos como os mais antigos como: Tombenci, Tumba Junsara, Terreiro Viva Deus, Unzó Matamba Tombenci Neto, Bate Folha, dentre outros. Considerando o relevante protagonismo na estruturação socioespacial da descendência afroreligiosa bantu no Brasil afrodiaspórico. Compreendendo também a partir do modo de estruturação física desses territórios, possíveis similaridades, ressignificações e reproduções do modo de morar angolano no continente africano. Ao passo que, as chamadas “cubata aumentada e generalizada com cercado e quintal (modelo sub-urbano)” por Redinha (1964) se assemelham em diversos aspectos com o modo de morar de terreiro.

Terreitório

A família reconstituída através do candomblé na Diáspora, tem um forte e elaborado parentesco com bases afro-caribenha (Segato,2005), categorizado hierarquicamente através da iniciação religiosa, esse fator se mostra como um critério fundante para o reconhecimento dos indivíduos dessa coletividade na genealogia litúrgica – coletividade. Desse modo e fundamentado em três aspectos categorizantes para a compreensão desse território não somente como espaço religioso, mas principalmente como Terreitório, busco demonstrar que nos Terreitórios de candomblé esse fenômeno parental é exercido com a territorialidade através do entendimento cosmográfico (Paul Little, 2003), geossimbólico (Aureanice Corrêa, 2006) e parental (Ordep Serra, 2000).

Desse modo, o entendimento cosmográfico compreendido por Paul Little (2003) se manifesta como sendo a relação de pertencimento com o território e o modo pelo qual isso é associado aos diversos aspectos constitutivos da identidade coletiva, ilustrando a complexidade e a necessidade de estender o entendimento do território para além da



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

noção funcional da ocupação. Sendo necessário considerar também, as relações criadas através dos vínculos afetivos estabelecidos com a história de ocupação/formação e as diversas maneiras de defesas articuladas para sobrevivência coletiva alicerçados nos “saberes ambientais, ideologias e identidades – coletivamente criados e historicamente situados – que um grupo social utiliza para estabelecer e manter seu território.” (Little, 2003:254).

A compreensão do território também como *geossímbolo*, entendido por Aureanice Corrêa (2006) ou como denominado por ela de: “território-terreiro de candomblé”, se faz do entendimento do espaço vivido e vivenciado através da interpretação imaginativa geográfica – geossímbolo -, de modo que se vive esse espaço *terreiro de candomblé* a partir da interpretação e reconstituição imagética do território – terra, corpo e conhecimento.

Assim, sobre o fenômeno parental que fundamenta as relações e estabelece vínculos de pertencimento tanto na estrutura física quanto na estrutura sagrada, exercida através do Axé - que se “planta” e se consagra, tecendo articulações à outras instâncias de pertencimento -, Ordep Serra (2000) descreve como sendo fundamentais para a sua compreensão, considerando que:

[...] a relação com a terra é uma questão decisiva para o pensamento místico do Candomblé, e a natureza de seus estabelecimentos sacros o reflete. Pois aí o templo é pensado, literalmente, como uma implantação: o axé que une uma comunidade é ‘plantado’ e lhe dá raízes vitais no mundo [...]; assim o terreiro, como significativamente se chama esse tipo de templo, busca efetivar no espaço (no seu tratamento simbólico e político) a inscrição do vínculo sagrado que identifica o grupo. (Serra, 2000 apud Arruti, 2002:61)

Diante disso, esse Território no espaço de tempo historiográfico, se define e se delimita fundamentado a partir da construção parental e do esforço coletivo que: ocupa, usa, sobrevive, e compõe cada indivíduo dessa coletividade.

Sobre(vivências)



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

[...] a antiguidade de determinadas casas, no Encontro de Nações-deCandomblé ocorrido em Salvador-Ba., no ano de 1984, numa realização do CEAO (Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA) temos a fala do Sr. Esmeraldo Emetério de Santana, Xicarangomo do Terreiro Tumba Junçara que enumerando as casas mais antigas de candomblé bantu nos brinda com as seguintes informações: Segundo ele a casa de congo mais antiga da Bahia foi o Calabetã, pertencendo a Sra. Maria Corqueijo Sampaio, dijina Malamdiasambe, seguida da casa de Gregório Maqüende e depois a de Roberto Barros Reis, iniciador de Maria Neném a quem deixou como herança a Nzo Tumbenci. Ainda no seu relato, ele aponta a casa de Bernardino precedendo a de Ciriáco, pois, apesar dos dois serem filhos-de-santo de Maria Neném, Ciriáco foi viver no Rio de Janeiro, enquanto Bernardino permaneceu na Bahia e abriu sua casa de santo.

Nas memórias do Xicarangomo não constam os nomes de Naninha nem de Silvana presentes no relato de Martiniano o que nos leva a pensar que Naninha e Silvana não são lembradas por não deixarem descendência e, portanto, não criarem raízes. Consta da memória dos mais antigos do Tumbeici e do Bate-folha –Salvador, duas personagens africanas, uma do Congo e outra de Cabinda, respectivamente Manoel de Nkossi e Roberto Barros Reis, que ocupam lugar privilegiado na memória dos mais velhos sendo os dois únicos africanos presentes na constituição do candomblé bantu, de acordo com essas memórias. (Tata Kisaba do Nzo Tumbansi (2010).

Segundo depoimento oral dos antigos, o território de candomblé de nação angola mais antigo nos registros da Bahia, segundo o Senhor Esmeraldo Emérito Santana, autor do livro Nações de Candomblé (1981), é o *Tombenci* do qual tinha como liderança á frente da casa a mãe-de-santo Mam'etu Tuenda Unzambi ou mais comumente chamada de Maria Neném (Maria Genoveva do Bonfim). Do qual o território *Tumba Junsara* descende diretamente, tendo como fundadores os irmãos de barco e iniciados pelas mãos de Maria Neném, o Manoel Rodrigues do Nascimento ou *Kambambe* e Manoel Ciriaco de Jesus (*Ludyamungongo*), sendo também responsável pela continuidade dos ritos de iniciação de Manuel Bernardino da Paixão, sacerdote do Bate-Folha - iniciado pelas mãos de Manuel de *Nkossi* porém, com a sua morte, transferiu seus cuidados à



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Mam'etu Tuenda Unzambi. Desse modo, costuma-se dizer que todos os territórios de candomblé de Angola da Bahia, são filhos ou netos de santo da senhora Maria Neném. Não se sabe ao certo a data da morte de Roberto Barros Reis – iniciados de Maria Neném -, mas segundo a tradição, após esse evento, a liderança do território *Tombenci* foi passada como herança para sua filha de santo Maria Neném, até a sua morte em 1945. Há relatos de que, após sua *passagem*, nenhum filho-de-santo se dispôs a dar continuidade ao trabalho da sacerdotisa. Contudo, atualmente, a herdeira espiritual e sobrinha carnal de Maria Neném é quem exerce o ofício, a Senhora Gereuna Passos Santos, de dijina⁶ *Lembamuxi*.



Imagem 1 – Terreiro Tombenci, Beirú-Tancredo Neves, em Salvador/Ba (2016). Fonte: COSTA, 2018.

Socio-espacialidades

O etnógrafo José Redinha (1964) em seu livro *A habitação tradicional angolana*:

aspectos da sua evolução, demonstra a evolução das habitações angolanas, a partir da observação dos testemunhos etnográficos presentes permitem concluir que os tipos mais antigos da habitação nativa angolana são de planta circular, seguindo-se os modelos de planta quadrada e, finalmente, a casa retangular (1964:7).

E, assim, entre os tipos mais tradicionais de habitação de planta redonda, alguns evoluíram particularmente, em dimensões e construção, de modo que há modelos de casas redondas inteiriças, seja sem cobertura independente, de muito com acabamento.

⁶ Nome que se ganha ao se iniciar na religião, comum dos cultos tradicionais Banto.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Tem-se admitido que uma forma de cubata redonda caracterizou as antigas povoações de agricultores, mas ela é também frequente, ainda hoje, entre os Luandas, onde as normas sociais de vida dos antigos caçadores são as que predominam. O que parece evidente, é que o modelo arcaico seja o de planta circular, até porque é ele que surge nos improvisos, e que por outro lado, sobrevive nas construções de função mais tradicional ou para fins religiosos. Diga-se, a propósito, que alguns etnólogos, e nomeadamente Kunz Dittmer, dão o motivo religioso, como um dos mais influentes, na distinção entre aqueles dois tipos de construções. Nos Chinges e no Mucusso, por exemplo, apenas os sobas podem usar habitação redonda, o que depõe a favor daquela ideia. A cubata redonda da cerimônia da puberdade das raparigas no Sudoeste; do retiro catamenial do Leste, Nordeste e outros pontos da Província; os oratórios animistas também redondos; a entrada circular das relíquias do morto, são alguns dados apenas das centenas de exemplos alinháveis na etnografia angolana - aliás evocadores da casa primitiva, pré-histórica, circular, de pequeno tamanho, 2,50m de diâmetro, o máximo. (1864: 7;8).



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global



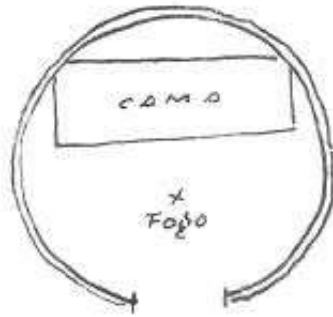
Imagem 2 – Modelos mais típicos de habitação nativa angolanas, de acordo com ordem evolutiva demonstrada.

Fonte: Redinha (1964).

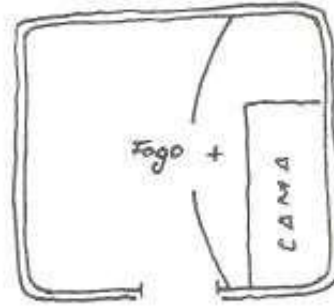


SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

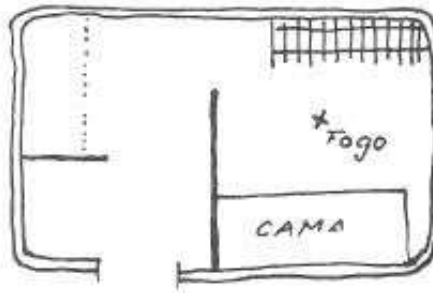
A, B, C evolutiva da planta da cubata nativa



A
Redonda sem divisória
(cama no chão)



B
Quadrada com divisória
(cama sobre tarimba)



C
Rectangular com divisórias, cama (ou camas) sobre tarimba e bancada de troncos para utensílios

Imagem 3 – Modelos demonstrando a evolução em planta das “cubatas nativas”. Fonte: Redinha (1964).



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

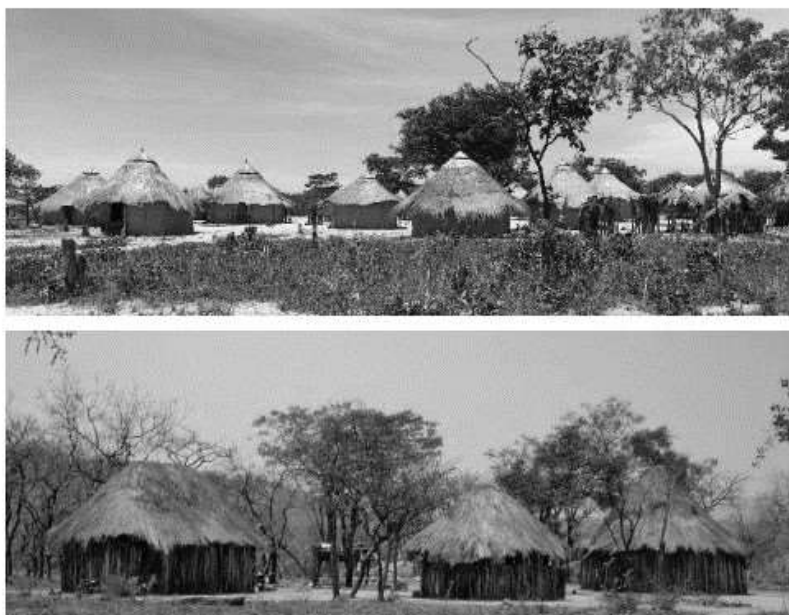
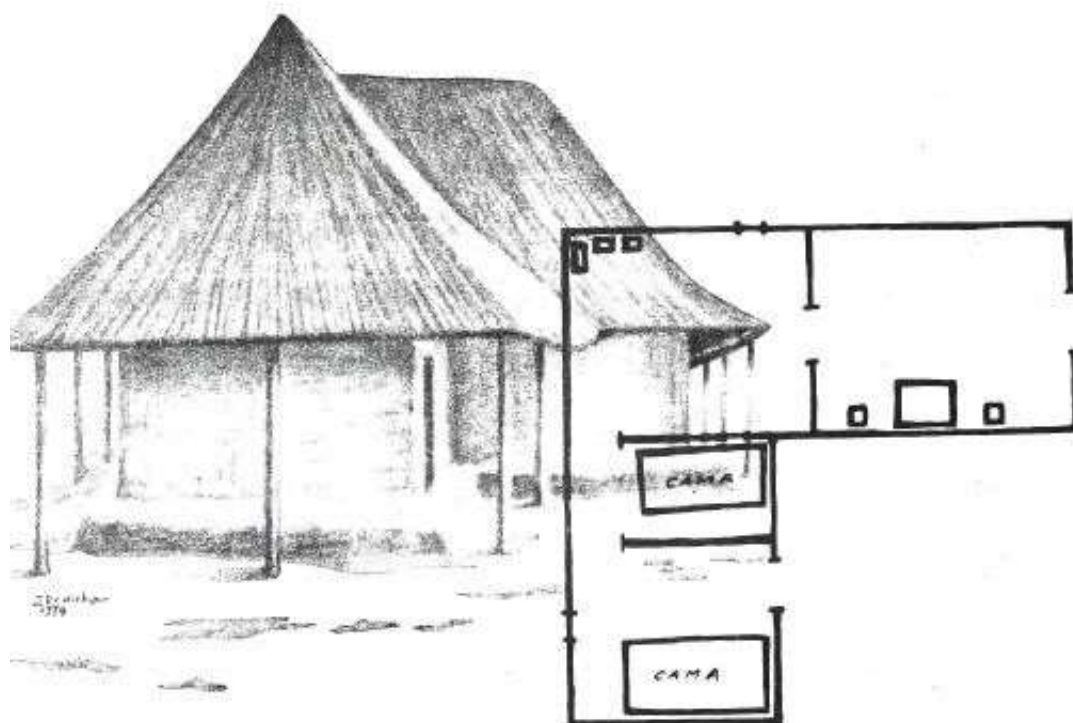


Imagem 4 - Aldeias tradicionais típicas em Cuche - Província do Kuando Kubango e em Cubal – Província de Benguela (2016). Fonte: Alberto Daniel (2019).



Alto-Zambeze, Calunda, Soba Samariata. Construção de pau-a-pique rebocada com argila bem alisada interior e exteriormente. Designaram o modelo pelo nome quitxingue. Pé direito 2 m. Pavimento de terra batida. Plataforma sobre-elevada, endurecida e correcta. Linhas tradicionais, num modelo dobrado, muito bem construído. Dimensões exteriores máximas: 6x2,60m.

Imagem 5 – Modelo de habitação tradicional angolana - *Fase actual*. Fonte: Redinha (1964:9).



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Diante disso, segundo Redinha (1864: 45-49) o processo evolutivo da habitação tradicional angolana, depende de fatores como o clima, ofertas da natureza, entre outras variantes. E, se categorizam em três fases considerando aspectos quanto á forma, material e função. Assim, a *Fase primária (avançada)*, é caracterizada por cubatas de formato circular, utilizando como material madeira, troncos, fibras vegetais e esterco de gado; tinham como função abrigar a cama e o fogo. Na *Fase secundária*, as habitações já apresentavam formato retangular, com beirais salientes apoiados em pilares, formando varandas; com os materiais de tronco e colmo, exerciam função estável de habitação, com compartimentos como: quartos, sala de entrada, quintal; e tinham decoração em seus interiores. Por fim, na *Fase actual* o etnógrafo caracteriza as habitações com formato tradicional (com exceção das casas redondas) - já aculturandose ao padrão europeu -, com compartimentos para banho, cozinha, portas e janelas e com caiação interna e externa; os materiais utilizados são: o emprego da técnica de pau-pique com reboco liso caiado, folha de ferro zincado e alvenaria e cimento; exercendo a função de aculturação e maior estabilidade na habitação tribal, demonstrando um sentido de moradia, domicílio e lar, atrelada á noção de permanência.

Os estudos posteriores e complementares do arquiteto Günter Weimer (2014), a respeito do território dos Bantus, em *Inter-relações afro-brasileiras na arquitetura*, descreve que a organização social é fundamentada na família nuclear, mesmo que sua estruturação possa ser flexível. Assim:

Em suas formas históricas e na maior parte das da atualidade, cada casa se destina a uma só função em razão de ela ter apenas um espaço interno. Por isso, cada grupo familiar necessita de um número variável de construções mono funcionais. Cada terreno com suas respectivas benfeitorias é denominado de *kraal* e, via de regra, é delimitado por uma cerca de contorno. (2014:113)

Em regiões costeiras como no Norte de Moçambique, apesar da islamização, ainda hoje, quando se pretende construir uma casa, realiza-se um sacrifício ritual de uma galinha e novamente quando se fixa o primeiro cunhal de sustentação da casa, a 50cm de profundidade.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Em território brasileiro afro-diaspórico

Especialmente, o terreiro organizou-se num partido com várias edificações isoladas: casa principal ou ilé-axé, os templos de divindades e habitações de membros da comunidade religiosa. Essas edificações articulam-se através do espaço natural, onde circular os membros do candomblé, assumindo o caráter simbólico da África mística, tal como é considerada entre o segmento da comunidade religiosa” (Nascimento, 1989:88).

No contexto brasileiro, grande parte dos terreiros de candomblé se localizam em áreas mais afastadas do perímetro urbano – uma vez que nem sempre os *filhos de santo*⁷ desses territórios são da comunidade na qual estão inseridos, em sua grande maioria moram em outro bairro ou cidade -, considerando que ao longo do processo historiográfico de crescimento da população e o conseqüente adensamento urbano, esses espaços foram em sua maioria *fagocitados*⁸, sendo necessário a mudança de local desses territórios; salvo os casos em que esse processo de ocupação acelerado, a intolerância religiosa ou a indústria imobiliária, ainda não os alcançaram (Sodré, 2002). Assim, correspondente às residências, esses territórios possuem uma série de ambientes (quartos, cozinha, barracão – grande sala de estar, dentre outros) tais quais uma residência unifamiliar, que durante o processo de consolidação dos terreiros foram introduzidos nesse espaço religioso, como é o caso por exemplo, dos Quartos, que possui a função de acomodar não somente os filhos da casa que moram em outra localidade, mas também as visitas ou àqueles que dependem do transporte público; se caracterizam também por serem edificações destinadas á guardar roupas, objetos e pertences. Sendo associado, por vezes também, ao ambiente das Casas de Santo – chamado por algumas tradições de *Quarto de santo*.

A cozinha nesse contexto, se mostra como um espaço pulsante, o coração do terreiro, e que se configura em sua maioria em dois tipos: a *cozinha de santo* e a *cozinha comum*,

⁷ Termo designado aos filhos de uma família constituída dentro ou por meio da religião afro-brasileira Candomblé. ⁸ Uma analogia ao processo biológico pelo qual uma célula engole através de suas membranas plasmáticas, partículas, bactérias, pedaços de tecido necrosado, o que gera um novo compartimento interno dentro dessa célula, chamado “fagossoma”.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

o primeiro sendo um espaço de uso restrito dominado pelos *mais velhos*⁸ e o segundo de uso coletivo, protagonizado pelos demais da comunidade religiosa que não necessariamente são iniciados na religião. O alimento nesse contexto religioso assume a mais completa importância, por ser o principal mantenedor energético, símbolo que conecta o indivíduo aos deuses, ritualisticamente chamado de *Axé*⁹. Assim, na *cozinha de santo*, de domínio dos mais velhos, a permeabilidade perpassa pela idade iniciática na religião, onde somente pode transitar quem é autorizado. Já na *cozinha comum* é feita a comida que vai servir toda a comunidade e a permeabilidade nesse ambiente não ritualístico é coletiva e irrestrita, onde qualquer membro iniciado ou não pode permanecer (Diéne & Ahualli, 2019).

As *Casas de santo* ou *Quartos de Santo* como também são comumente chamadas, são pequenas edificações de tipologia arquitetônica objetiva e funcional, distribuídas em sua maioria no perímetro que circunda o Barracão. Algumas internamente podem ter uma espécie de antessala, mas são espaços tidos como *espaço tabu*¹¹, por ter acesso restrito e comportar diversos objetos e utensílios sagrados, de modo que a sua permeabilidade é de uso restrito dos iniciados (Da Motta Lody, 1987). Vale ressaltar, que essa permeabilidade perpassa pela lógica da ordem iniciática e mesmo assim, os membros iniciados *mais novos* precisam ir acompanhados por um *mais velho*.

A exemplo do *Barracão*, esse grande ambiente que se assemelha a um *salão*, é o espaço onde os deuses dançam e recebem a comunidade externa para festejar, de modo que marca a sutil fronteira da comunidade civil e religiosa. A exemplo de uma residência, esse espaço assumiria o ambiente de uma sala de estar, onde visitantes e moradores interagem, e que somente aqueles mais íntimos adentram seus demais cômodos. No *barracão*, grandes festas são celebradas para receber os deuses no momento que vêm a público dançar e interagir com os membros da casa e demais visitantes. A exemplo de

⁸ Ser um indivíduo mais velho, perpassa pela transposição da estrutura de família consanguínea para a família religiosa, onde a figura de pai, mãe, tios e irmãos, por exemplo, são assumidas conforme a ordem iniciática e por quem se é iniciado.

⁹ Logística energética circuncêntrica que administra todas as *coisas* na ontologia candomblecista. ¹¹ Acomoda objetos ritualísticos que simbolizam a energia do *Orixá/Nkisi* de cada filho da casa.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

uma residência, da mesma forma, nem todos seus ambientes internos são permeáveis pelos visitantes, membros da casa ou por aqueles que não são iniciados - *Ndumbis* ou *Abian*¹⁰.



Imagem 6 - Terreiro *Tumba Junsara*, Salvador/BA. Fonte: IPHAN.

Reproduções ou Ressignificâncias?

A construção física e cosmológica de um terreiro de candomblé perpassa por resgates históricos, não somente da trajetória específica de cada terreiro e sua linhagem parental, mas também da reconstrução da linha ancestral que o compõem, tendo em vista que cada terreiro descende de uma linhagem ou uma família de santo que lhe antecede, herdando consequentemente sua forma de culto e sua consequente arquitetura.

As cubatas redondas para fins de recolhimento e ritos de passagem da puberdade nas terras angolanas, os *roncós* – que são espaços destinados para o recolhimento e permeáveis somente por quem já passou pelos ritos iniciáticos – nos territórios de candomblé; a cozinha, interna e externa acrescida de quintal; o formato retangular, o

¹⁰ Termo dado aos membros do terreiro que ainda não iniciados na religião, portanto ainda não incorporam a estrutura genealógica, sendo todos esses pertencentes à uma única esfera de hierarquia diante dos *irmãos de santo* iniciados e demais *mais velhos*.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

aspecto fixo e permanente de habitação compartimentada atrelada ao sentido de pertencimento, com o espaço físico e místico.

Diante disso e dos fatores expostos, questiono se existe uma possível reprodução arquitetônica da arquitetura residencial angolana no contexto brasileiro, na estruturação socioespacial dos territórios de *candomblé* Bantu, seja ela no módulo unifamiliar (*cubatas*) ou na sua coletividade (*kraal*).

Ao passo que se torne possível perceber as adaptações que as reproduções sofreram, diante das necessárias adaptações em contexto brasileiro. Contudo, a profundidade necessária para a conclusão de tais questionamentos, será melhor realizada em artigos futuros.

Considerações finais

Pensar a arquitetura e o urbanismo, perpassa no âmbito da interdisciplinaridade pelo olhar antropológico, não se restringindo à análise sociocultural, mas principalmente na relação indivíduo-espço e de como essas relações são intrínsecas à noção de parentesco, do mesmo modo que se faz necessária na investigação da arquitetura afro-brasileira. Entendendo aqui, a Arquitetura como um campo aberto, sensível e dotada de um sistema complexo e interpretativo a partir da sociedade e da cultura que a manifesta, visíveis nessa epistemologia e cosmovisão afro-brasileira, reconhecendo a sua exclusão diante do valor arquitetônico. Desse modo, a inclusão da experiência na arquitetura é essencial para se obter o subjetivo, demonstrando o fenômeno da *Arquitetura de Terreiro* como uma construção social, reinventada através do contexto afro-diaspórico e adaptada em território brasileiro.

Considerando que ainda é um campo em construção, aprofundar as análises nessa temática, tende a enriquecer e endossar os estudos e as discussões acerca da Arquitetura Religiosa Brasileira e suas ramificações, como a Arquitetura dos Territórios



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

de candomblé. Relacionando-se aos estudos historiográficos permeáveis a História e Teoria da Arquitetura, com a interdisciplinaridade no campo da Antropologia Social, Geografia cultural, do pensamento africano, permeando ainda pela dimensão étnico racial e urbana, perspectivando também analisar o método de estruturação sócio espacial desses espaços a fim de auxiliar futuros estudantes e profissionais que tenham interesse e/ou curiosidade em compreender a logística espacial "da porteira pra dentro" e "da porteira pra fora" no perímetro urbano que abrange a *Arquitetura de terreiro*.

O Arquiteto e Urbanista Günter Weimer (2005), no livro *Arquitetura popular brasileira*, nos descreve que a arquitetura é um "fenômeno cultural", um fenômeno que não se limita à análise da edificação por si só, ela é o resultado de uma soma de fatores e interações, que pode ser chamada também de "lógica arquitetônica", de modo que a arquitetura manifestada nesse espaço representa uma categoria de arquitetura religiosa e de arquitetura brasileira, por demonstrar na sua concepção aspectos técnicos, tipológicos, construtivos, estruturais e ornamentais transmitidos através de heranças ancestrais e etnológicas.

Referências Bibliográficas

CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969.

COSTA, Hildete Santos Pita. *Terreiro Tumbenci: um patrimônio afro-brasileiro em museu digital*. Tese de Doutorado (UFBA) 2018.

DA MOTTA LODY, Raul Giovanni. *Candomblé: religião e resistência cultural*. Editora Atica, 1987.

DA MOTTA LODY, Raul Giovanni. *O povo do santo: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos*. WMF Martins Fontes, 2006.

DE MELLO CORRÊA, Aureanice. *O terreiro de candomblé: uma análise sob a perspectiva da geografia cultural*. Textos escolhidos de cultura e arte populares, v. 3, n. 1, 2006.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

DIÉNE, A. A. L., & AHUALLI, I. F. . ?LUGAR DE MAIS VELHXS? *Uma observação fenomenológica dos limites espaciais no terreiro de candomblé Tumba Nzo Jimona dia Nzambi*. 2019.

DIÉNE, A.-. A. L. (2020). “É minha filha, tudo fui eu quem fiz!”: Reflexões sobre a Arquitetura intuitiva de Mametu Muiandê. *Revista Calundu*, 4(1). 2020.
<https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v4i1.32233>

LITTLE, Paul. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. *Anuário Antropológico*, v. 28, n. 1, p. 251-290, 2003.

NASCIMENTO, Iris Salles. *O espaço do terreiro e o espaço da cidade: cultura negra e estruturação do espaço urbano*. 1989. 132 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, 1989.

REDINHA, José. *A habitação tradicional angolana: aspectos da sua evolução*. 1964.

SEGATO, Rita Laura. *Santos e daimones: o politeísmo afro-brasileiro e a tradição arquetipal*. Brasília: Editora da universidade de Brasília, 2005

SEGAUD, Marion. *Antropologia do espaço: habitar, fundar, distribuir, transformar*. São Paulo: SESC São Paulo, 2016.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Salvador: SEC. 2002.

VELAME, Fábio. (20 de Maio de 2020). *1 Vídeo (1h e 14min). Arquiteturas afro-brasileiras: um campo em construção*. Fonte: Publicado pelo canal TV UFBA:
https://www.youtube.com/watch?v=1vutNrvs_vg

VERGER, Pierre Fatumbi. *Notas sobre o culto aos orixás e Voduns na Bahia de todos os santos no Brasil, e na antiga costa dos escravos, na África*. / Pierre Verger: tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura – 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

WEIMER, Günter. *Arquitetura popular brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WEIMER, Günter. *Inter-relações afro-brasileiras na arquitetura*. EDIPUCRS, 2014.

Sites:

ARQUITETURA TRADICIONAL EM ANGOLA ESTRATÉGIAS DE SUSTENTABILIDADE. Alberto Daniel (2019). Disponível em:
<[file:///D:/Users/03174525179/Downloads/Tese%20ArqTrad%20em%20Angola.%20Est%20rate%20de%20Sust%20\(Alberto%20Daniel\).pdf](file:///D:/Users/03174525179/Downloads/Tese%20ArqTrad%20em%20Angola.%20Est%20rate%20de%20Sust%20(Alberto%20Daniel).pdf)>

TERREIRO TUMBA JUNSARA. Disponível em:



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

<http://www.terreirosantobajunsara.com.br/p/o-tumba-juncara.html>

AS FAMÍLIAS DE SANTO NO CANDOMBLÉ DE CONGO-ANGOLA. Tata Kiundundulu – Professor Doutor Sérgio Paulo Adolfo, Tata Kisaba do Nzo Tumbansi (2010). Disponível em: <<https://inzotumbansi.org/2010/03/16/as-familias-de-santo-no-candomble-de-congoangola/>>

TOMA KWIIZA KYA KIZOONGA BANTU! NZAAMBI KAKALA YETO! de Taata Lubitu Konmannanjy – Unzó kwa Mpaanzu – Raimundo Nonato da Silva. Disponível em: <<http://www.inzotumbansi.org/>>

MARIA GENOVEVA DO BONFIM: O NASCIMENTO DA NAÇÃO CONGO/ANGOLA NO BRASIL. Disponível em: <<http://inzotumbansi.org/home/maria-genoveva-do-bonfim-onascimento-da-nacao-congoangola-no-brasil/>>